

## DESAFIOS DO MÉDIUM EM TEMPO DE TRANSIÇÃO PLANETÁRIA

*Fátima Maria da Costa Castro\**

### INTRODUÇÃO

A mediunidade está presente em todos os povos desde os primeiros vagidos do pensamento humano, e, de acordo com a época, foi tratada de diferentes formas. Do primitivismo inicial até os dias atuais, manifestou-se concorde o momento evolutivo da Humanidade. A crença na imortalidade da alma e a possibilidade da comunicação entre os "vivos" e os "mortos" sempre existiu.

Na história da humanidade, os médiuns tiveram um papel de grande influência, estando sua figura revestida de um caráter mítico, cujo papel era orientar através de seus conselhos esclarecedores, sendo um meio importante de aprendizado a respeito dos aspectos ocultos do mundo e de conexão do ser humano com as dimensões espirituais da existência.

Nos dias que correm é imperativo ao médium sintonizar com as forças positivas em meio a este momento de mudanças em que vive a humanidade. Enfrentará, entretanto, vários obstáculos ao intento de harmonizar-se a contento e de atuar com eficácia para o bem de todos. O objetivo geral deste artigo é buscar responder ao seguinte problema: *“Quais os desafios dos médiuns em tempo de maioria das ideias espíritas em atenção aos imperativos da hora de transição?”*.

A hipótese que norteou a pesquisa partiu da premissa de que os equívocos na vivência mediúnica originam-se no desconhecimento de seu nobre objetivo e dos compromissos assumidos pelo médium para com a sua consciência.

O perfeito conhecimento dos objetivos da mediunidade equipa o médium para a desincumbência do compromisso assumido antes da reencarnação, faz-se mister o despertar para auto-iluminação, considerando não serem poucos os obstáculos a serem transpostos por todo aquele que se candidata ao relevante labor mediúnico (Projeto Manuel Philomeno, 1996,p. 7).

Para justificar a relevância da discussão do tema, ressaltamos que o novo período que se inicia requer médiuns conscientes de sua responsabilidade pessoal, frente à nova Era, requisitando-lhe o concurso de servidor fiel, a fim de que a edificação do Cristo prevaleça em Verdade e Vida.

<sup>47</sup>Deste modo, foi feito um levantamento bibliográfico de obras espíritas, enfocando três perspectivas para buscarmos responder à pergunta de pesquisa formulada acima. As perspectivas abordadas foram: a evolução da mediunidade na história da humanidade; a influência das três revelações para a humanidade no campo da mediunidade e a reflexão sobre os desafios dos médiuns na transição planetária em tempo de maioria das ideias espíritas.

### A Mediunidade na História da Humanidade

A mediunidade é faculdade encontrada nos seres humanos em todos os tempos. É expressão espiritual do ser, através de diferentes formas de manifestação, compatíveis com os níveis de evolução do Homem.

---

\*Trabalhadora da Fundação Allan Kardec, Manaus-Amazonas

Tomando por base a História, identificamos registros materiais e espirituais que mostram os exercícios de manifestação espiritual do Homem, na longa jornada em que o mesmo evolui, conquistando diferentes patamares do pensamento, o que permitiu ao Plano Espiritual estabelecer novos rumos à humanidade, no seu destino à Perfeição.

No livro *O Espírito e o Tempo* (1987, p.16), Herculano Pires situa a mediunidade em termos de horizontes alcançados pela humanidade em cada etapa de seu desenvolvimento, valendo-se das pesquisas científicas de Bozzano, John Murphy e outros. A obra oferece-nos valiosas informações, identificando as fases de desenvolvimento dessa faculdade, dividindo-as em: 1. Horizonte Tribal, 2. Horizonte Agrícola, 3. Horizonte Civilizado, 4. Horizonte Profético e 5. Horizonte Espiritual.

## **1 Horizontes Mediúnicos**

### **1.1 Horizonte Tribal**

Nele imperava o *mediunismo primitivo*. Mediunismo, termo criado pelo Espírito Emmanuel, designa as formas, as manifestações primitivas da mediunidade, constituindo o recurso natural de que o Homem dispõe para transcender sua condição primitiva, elevando-se no plano da mediunidade. Constitui a fase prática, experimental da mediunidade. O primeiro fato a ser identificado nessa fase é a captação de uma força misteriosa que imanta objetos e coisas, podendo atuar sobre as criaturas humanas. São as forças conhecidas pelos nomes polinésicos de “mana” e “orenda”. O homem primitivo ainda não desenvolveu suficientemente seu psiquismo e interpreta todas as coisas de modo rudimentar, sem o uso da razão.

### **1.2 Horizonte Agrícola**

Aqui vislumbramos o *animismo e culto dos ancestrais*. Caracteriza-se pela fusão da experiência e da imaginação com desenvolvimento do seu psiquismo estruturando o progresso do mediunismo. Dessa fusão surge a mitologia popular, impregnada de magia e prática do culto dos ancestrais, principalmente através da concepção fetichista da Terra-mãe e Céu-Pai, que mais tarde deu origem à mitologia egípcia: Osíris, deus pai, que fecunda Isis, deusa terra, gerando o filho Hórus.

### **1.3 Horizonte Civilizado**

Inicia-se o *mediunismo oracular*: Nesta fase surgem os deuses representando as forças da natureza, porém personalizadas, demonstrando maior capacidade de abstração do homem, com formulação de juízo ético e moral, começando a romper os liames da organização social para descobrir-se no processo de tornar-se indivíduo. A representação dessa fase são os oráculos, lugares sagrados procurados por todos, pois representavam uma força sobrenatural, transmitida a eles pela pitonisa ou pelo próprio oráculo. Nessa fase ainda não há individualização mediúnica, caracterizando-se como fase de transição para o culto individual dos Espíritos.

### **1.4 Horizonte Profético**

Deparamos-nos com o *mediunismo bíblico*: resultante da natural evolução do homem tribal, o homem gregário já visualiza sua individualização. O poder do raciocínio o elevou à condição de senhor da sociedade e da natureza, conseguindo impor-se ao invés de se submeter. Ele descobre sua capacidade, seu talento para manobrar as circunstâncias com maior habilidade. Surgem os sábios, os místicos, os

profetas; a religião caracteriza-se pela aceitação do monoteísmo, acentuação dos atributos éticos, estabelecimento de ligações diretas do Deus individual com o indivíduo humano. No caso, o profeta, que representa o médium que rompeu o gregarismo psíquico, arvorou-se em senhor de si mesmo, passou a responder pessoalmente pelos seus pronunciamentos mediúnicos.

### 1.5 Horizonte Espiritual

Início da *mediunidade positiva*: a Mediunidade é o mediunismo desenvolvido, racionalizado, submetido à reflexão e ao entendimento, tornando-se instrumento de progresso humano. É nessa fase que se observa uma transcendência humana. A mediunidade torna-se um fato de observação e estudo de todos os que se interessarem pelo fato.

Allan Kardec explica em *A Gênese*, capítulo I, porque o Espiritismo só poderia surgir em meados do século XIX, depois da longa fermentação dos princípios cristãos da Idade Média e do desenvolvimento das ciências na Renascença. Escreveu:

O Espiritismo, tendo por objeto o estudo de um dos elementos constitutivos do Universo toca forçosamente na maior parte das ciências; só podia, portanto vir depois da elaboração delas; nasceu pela força mesma das coisas, pela impossibilidade de tudo se explicar com auxílio apenas das leis da matéria (1982, p. 22, item 18).

Não mais estamos no plano místico e misterioso do mediunismo, mas no plano científico, racional da mediunidade; o homem tornou-se capaz de servir de intermediário entre seres espirituais e carnis, ambos da mesma natureza. Essa evolução se realiza num contexto histórico, juntamente com sua evolução mental, moral e espiritual no processo de desenvolvimento econômico-social da humanidade. Sem desenvolvimento científico, assinala Kardec, não se criaria no mundo o clima necessário à compreensão do Espiritismo.

Através do desenvolvimento de suas potencialidades, o homem percebe-se como um ser mediúnico, apto a relacionar-se com os Espíritos. É inerente ao homem a ideia da Divindade como sendo um poder superior que criou o mundo, e essa ideia, associada ao assombro que o mundo misterioso e cheio de seres causava à sua imaginação, desenvolveu um sentimento mágico, levando-o a estabelecer relações com as coisas e com os outros seres. A partir daí, desenvolve-se a lei de adoração, que levou a imaginação primitiva aos ritos do culto solar e lunar, das montanhas, dos grandes rios e assim por diante.

A reverência aos chefes poderosos desenvolveu os ritos de submissão, que se estenderam aos pajés e xamãs, sacerdotes mágicos das tribos e das hordas, dotados de poderes mediúnicos. Esses processos abriram caminho para desenvolvimento das religiões mitológicas e das religiões reveladas, estas apoiadas na crença dos homens-deuses, conhecedores dos mistérios da vida e da morte. A crença nos poderes divinos era reafirmada pelos fenômenos produzidos por indivíduos que utilizavam os próprios recursos mediúnicos.

Não obstante, o Espiritismo não é uma descoberta moderna. Os fatos e os princípios sob os quais ele repousa se perdem na noite dos tempos, pois seus traços se acham nas crenças dos povos, em todas as religiões, na maior parte dos escritores sacros e profanos. Apenas que, incompletamente observados, os fatos foram frequentemente interpretados conforme as ideias supersticiosas da ignorância e sem que dos mesmos tivessem sido deduzidas todas as consequências.

Mas não somente em movimentos coletivos manifestou-se a mediunidade. Também com indivíduos, isoladamente, dentro ou fora de ambientes místicos ou religiosos, os fenômenos mediúnicos nunca deixaram de se manifestar, aqui e ali, com qualquer tipo de pessoas, em lugares diferentes, em línguas diferentes, e em tempos diferentes. Naturalmente, as forças espirituais superiores que assistem a humanidade através dos processos mediúnicos sempre mantiveram abertos os canais de intercâmbio entre seu plano e o nosso, como uma necessidade de se manterem permanentes essas experiências, visando aos tempos futuros, quando o conceito de religião tivesse transcendido às velhas concepções de religião organizada, com seus rituais, dogmas, e formalismos inúteis.

Com o Cristo, a mediunidade adquire um maior substrato moral e vem orientada pela disciplina que a sua condição de médium de Deus proporciona, visto que Ele confabulava diretamente com Deus, e que, esse fato por si só, já era suficiente para promover uma nova disposição moral nas atitudes e no comportamento do homem, em função da aplicação da Lei do Amor, inquestionavelmente traduzida em seus ensinamentos.

A ignorância, no que se refere à mediunidade, e os interesses espúrios que o fanatismo religioso produzia, detonaram perseguições implacáveis aos médiuns, tanto ao tempo de Jesus quanto na Idade Média, quando ela foi tachada de intervenção demoníaca e os médiuns foram levados ao martírio da fogueira, como ocorreu com Joana D'arc, por não abjurar de suas vozes que revelavam a sobrevivência da alma e a comunicabilidade da mesma.

Finalmente, através dos experimentos e estudos de Allan Kardec, esses fenômenos consolidaram-se como mediunidade consciente de seus deveres, e hoje o termo mediunidade é aceito, com algumas exceções, quase que universalmente.

### **As Três Revelações e a Mediunidade**

De entremeio a tantas manifestações do Espírito ao longo de milênios, três grandes ciclos mediúnicos se sobressaíram na história, coincidindo com três importantes revelações religiosas a que a humanidade assistiu, e que os espíritas consagram como as três grandes revelações.

As informações de André Luiz nos levam a refletir sobre religião e mediunidade serem intercorrentes, isto é, embora coisas diferentes, ambas se complementam.

Desta maneira, o Mediunismo funciona como fator coadjuvante na consolidação da cultura religiosa entre os homens, e, conseqüentemente, como necessário e poderoso instrumento auxiliar para sua ascensão espiritual (PALACIO, 2001).

O primeiro grande ciclo mediúnico ocorreu na velha Canaã dos hebreus, ao tempo de Moisés. O grande profeta (médium) e legislador hebreu pretendeu fazer de seu povo uma grande nação teocrática, e para preservá-la dentro de princípios teocráticos, precisaria educar seus irmãos de raça para que assimilassem perfeitamente as "ordens que seriam ditadas por Jeová". Para Moisés, a crença dos judeus em Jeová, Deus único, precisaria estar fortemente arraigada num profundo sentimento religioso.

Moisés deu-lhes esse Deus, único e superior. Porém, igualmente aos deuses mitológicos, Moisés dotou-o de sentimentos humanos, e pela boca do povo (via mediúnica), fê-lo falar a língua do povo, e expressar os sentimentos desse próprio povo. Ao contrário do que entenderam os intérpretes dos textos bíblicos, o grande

líder hebreu não proibiu o profetismo (mediunismo), e sim o liberou, e estimulou a sua prática junto à sua gente, “(...) *quem dera que todo o povo de Israel fosse profeta, e que o Senhor pusesse o seu espírito sobre ele!*” (Nm. 11,29).

Como Moisés sentia-se impotente para conter a insubmissão de seu povo, pediu socorro aos Espíritos, que o mandaram escolher setenta anciãos entre os mais respeitáveis, e, de uma só vez, torná-los médiuns “(...) *e tirando do espírito que estava sobre ele, o pôs sobre aqueles setenta anciãos; e aconteceu que, quando o espírito repousou sobre eles, profetizaram. (...)*” (Nm. 11,25) e estes passaram a colaborar com Moisés na obra de doutrinação de seu povo. Quanto mais perto de Jeová os judeus se sentissem, mais conscientes estariam de sua missão de povo escolhido.

Porém, Moisés enganou-se. De posse dos dons espirituais, cada judeu viu nessa prática uma maneira de subtrair vantagens. A venda de favores espirituais tornou-se atividade comum entre eles, e a mediunidade, entre aquele povo, em breve perverteu-se. As hostes de espíritos inferiores aproveitaram-se do ambiente favorável que se estabeleceu a seu favor, para estimularem aquele povo invigilante a reverenciar falsos deuses e estátuas de animais como o bezerro de ouro, cujo simbolismo compreendia rituais sensualistas que terminavam em festivais de sexo explícito coletivo. Moisés compreendeu que errara. Seu povo estava ainda imaturo para assumir responsavelmente as práticas de tão elevadas revelações, e de conviver com elas, de forma a obter com esse privilégio a acumulação de valores morais que o haveriam de tornar uma nação realmente superior em relação aos outros povos.

O grande condutor hebreu voltou atrás em sua decisão, e só então proibiu o intercâmbio com os espíritos entre sua gente, e reprimiu com violência o seu uso. Os que ousassem praticá-lo pagariam com a morte. Encerrava-se para a história o primeiro grande ciclo mediúnico. O profetismo voltou assim a ser de uso restrito às escolas de iniciação. Por muitos séculos seguidos, tornou-se atividade exclusiva dos profetas.

O segundo grande ciclo mediúnico ocorreu cerca de mil e trezentos anos após o primeiro, também na Palestina, novamente entre o povo judeu, com o advento do Cristianismo. Na realidade, sua preparação começara cerca de trezentos anos antes do nascimento de Cristo. Nessa época surge na Palestina uma nova seita judaica, secreta, em que as atividades mediúnicas eram amplamente exercitadas e reverenciadas. Os membros dessa seita, ao tempo de Jesus, ficaram conhecidos como Essênios. Os essênios viviam em comunidades isoladas, longe das multidões, e levavam vida ascética. Diziam que precisavam estar santamente preparados para receber o Senhor e para servi-Lo, quando Ele chegasse. Após a morte de Jesus eles saem de cena, tão misteriosamente como apareceram. (PALACIOS, 2001)

O Mestre Nazareno, ao iniciar sua vida pública, fez da mediunidade uma prática constante. Suas curas, transfigurações, “ressurreições” de mortos, multiplicação de pães, locomoção sobre as águas etc. são a mais clara evidência de sua especial capacidade de provocar fenômenos mediúnicos de efeitos físicos, nos quais, com certeza, precisaria do apoio de médiuns altamente habilitados para a produção de fluídos abundantemente suficientes para que aqueles extraordinários fenômenos se produzissem.

Emmanuel chama a Jesus de médium sublime. Também seus apóstolos e discípulos, todos foram médiuns que produziram fenômenos abundantes, e eram preparados para exercitarem essas atividades. Paulo de Tarso, o apóstolo dos gentios, foi um médium extraordinário, e fez do mediunato um dos seus mais

importantes instrumentos de trabalho. Como ocorre nos centros espíritas de hoje, cada igreja cristã era uma escola de educação mediúnica, onde se formavam médiuns com as mais variadas modalidades de manifestação espiritual. Importantes escolas de iniciação à mediunidade floresceram nos tempos apostólicos, sendo a escola de Antioquia a mais importante entre elas. O serviço mediúnico ocupava posição destacada entre os primeiros cristãos. Nenhuma decisão importante se tomava sem consulta prévia aos espíritos.

O Cristianismo primitivo foi um movimento mediúnico por excelência. Foram quase trezentos anos ininterruptos de atividades mediúnicas. A ninguém era negado o desenvolvimento de suas faculdades. É claro que cada interessado deveria passar por um noviciado (treinamento mediúnico), e só após, era batizado pelo Espírito santo (considerado médium), com a imposição das mãos sobre a cabeça dos neófitos.

Ao assumir integralmente o controle do Cristianismo, o catolicismo romano tratou de pôr fim aos serviços mediúnicos. Como nos tempos de Moisés, a Igreja Cristã romana, menos cristã e mais romana, usou da violência na repressão aos dons do espírito, e cada médium pagava com a morte, agora na fogueira, a sua ousadia em desafiar as proibições dos bispos. O intercâmbio com os espíritos definha, e acaba por desaparecer no seio do Cristianismo. O segundo grande ciclo mediúnico termina. (LACERDA FILHO, 2005)

O terceiro grande e mais importante ciclo mediúnico dos três ocorre em nossos dias. Teve início em meados do século XIX nos Estados Unidos com as irmãs Fox, e se espalhou rapidamente pelo mundo. Seu epicentro fixou-se na França, onde, através de Allan Kardec, os Espíritos Superiores legaram à humanidade a mais avançada escola religiosa de todos os tempos, tendo como seu mais vigoroso apoio o uso das práticas mediúnicas. Esse fator diferencia o Espiritismo das demais escolas religiosas e reflete sua grandeza. Grandeza que os antigos hebreus e cristãos primitivos também conheceram, mas que a perderam quando se viram despojados do intercâmbio com os espíritos. (ARTHUR CONAN, 2004)

Os hebreus perderam o seu acesso aos dons da profecia quando passaram a usá-los mal. Os primeiros cristãos viram suprimidos seus carismas pelos interesses mesquinhos e particularistas da igreja poderosa que colocou as "razões do estado" acima das necessidades espirituais de seus seguidores.

Os Espíritos Superiores, responsáveis pela condução e aprimoramento das faculdades mediúnicas entre os homens estão vigilantes em seus postos. Mas o fator mediúnico não depende só deles. É uma atividade de duas vias e a única viável entre os dois planos da vida, conhecida pelos humanos. Sem a participação do médium, o fenômeno não ocorre. Faz-se urgente, pois, por parte destes, profundas reflexões.

### **O Papel do médium na transformação da humanidade à luz do Consolador Prometido**

Joanna de Ângelis, em *Estudos Espíritas*, conceitua médium (do latim *médium*) "é aquele que serve de instrumento entre os dois pólos da vida: física e espiritual" (1982, p. 137). Assim, o indivíduo é médium em todos os momentos da sua existência física, e não apenas esporadicamente durante as reuniões mediúnicas.

Allan Kardec (1984, p.195), em *O Livro dos Médiuns*, capítulo XIV, da 2ª parte, se expressa: "Todo aquele que sente num grau qualquer a influência dos

*Espíritos é, por esse fato, médium.(...)*”. Desse modo, a mediunidade está presente na totalidade dos indivíduos e em todo o lugar, desvinculada de quaisquer conquistas morais ou de outra natureza.

Em *Atos*, cap.II, v 17 a 18, encontramos “*Nos últimos tempos, disse o Senhor, derramarei o meu espírito sobre toda a carne; os vossos filhos e filhas profetizarão, os mancebos terão visões, e os velhos, sonhos*”, ao que Kardec comenta em *A Gênese*, cap. XVII, item 61, “isso, conforme está dito, acontecerá nos últimos tempos”.

Portanto, todo aquele que se dispuser a servir ao Senhor, principalmente na mediunidade, sob orientação da Doutrina Espírita, necessita educar-se para viver espiritualmente no corpo, lutando por vencer as más inclinações, conduzindo-se moralmente segundo a luz da fé raciocinada que possui, experimentando o altruísmo para, finalmente, caminhar com Cristo na senda da libertação.

Dessa forma, uma das preocupações do médium verdadeiramente ciente de sua função na vida terrena deve ser a do serviço dedicado e desinteressado ao próximo. Tem ele diante de si enormes possibilidades para realizar integralmente grandes e produtivas tarefas, desde que se mostre dócil aos ensinamentos de Mais Alto e devotado à exemplificação sincera da Doutrina Espírita. Quer no trato mediúnico, quer fora dele, o médium está envolto em crescentes responsabilidades, e tem de dar de si, sem querer nada para si.

Quem são esses médiuns da atualidade? Quais compromissos possuem? Quais desafios o esperam?

De acordo com o Espírito Emmanuel:

Os médiuns, em sua generalidade, não são missionários na acepção comum do termo; são almas que fracassaram desastrosamente, que contrariaram, sobremaneira, o curso das leis divinas, e que resgatam, sob o peso de severos compromissos e ilimitadas responsabilidades, o passado obscuro e delituoso. O seu pretérito, muitas vezes, se encontra enodado de graves deslizos e de erros clamorosos. Quase sempre são Espíritos que tombaram dos cumes sociais pelos abusos do poder, da autoridade, da fortuna e da inteligência, e que regressam ao orbe terráqueo para se sacrificarem em favor do grande número de almas que desviaram das sendas luminosas da fé, da caridade e da virtude. São almas arrependidas que procuram arrebanhar todas as felicidades que perderam, reorganizando, com sacrifícios, tudo quanto esfacelaram nos seus instantes de criminosas arbitrariedades e de condenável insânia. (XAVIER, 1981, p. 66 e 67).

Yvonne Pereira (1997, p.66-67), no livro *À Luz do Consolador*, nos aponta que “ser médium é, acima de tudo, ser discípulo do bem, habilitando-se, dia a dia, ao intercâmbio regenerador com o Alto a proveito da reforma geral da Humanidade, do Planeta e de si próprio”.

Em *Os Mensageiros* (1982, p.37), André Luiz, citando Telésforo, relata que “a causa geral dos desastres mediúnicos é a ausência da noção de responsabilidade e da recordação do dever a cumprir”.

Manoel Philomeno (2009), através da psicografia de Divaldo P. Franco adverte: “a mediunidade é, portanto, ensejo especial para auto-recuperação, devendo ser utilizada de maneira dignificante, em cujo ministério de amor e de caridade encontrar-se-á a diretriz de segurança para o reequilíbrio”.

Não são poucos os desafios a serem transpostos por todo aquele que se candidata à transformação moral em seu mundo íntimo, pois deverá livrar-se dos hábitos doentios a que se acostumou no pretérito, quando permaneceu distanciado

dos deveres morais, criando problemas para o próximo, que resultaram em inquietações para si mesmo.

Os estudos conscientes de sua individualidade e a vivência dos requisitos morais são, a seguir, outro grande desafio, por imporem condições de humildade no desempenho das tarefas, tomando sempre para si as informações e advertências que lhe chegam do Mais Alto, ao invés de transferi-las para outros.

Bezerra de Menezes (2010), em mensagem aos participantes do 3º Congresso Espírita Brasileiro, relembra-nos o compromisso assumido com Jesus: *“Firmastes, filhas e filhos da alma, antes de mergulhades na indumentária carnal, o compromisso de servi-Lo com abnegação e devotamento, prometestes que seríeis fiel, mesmo que fosse exigido o sacrifício”*.

Ainda Bezerra de Menezes (2007) fala-nos da instalação da Nova Era:

Inaugura-se a era nova. A revelação espírita abre o ciclo das realizações grandiosas do porvir. Fostes honrados com o convite do Mestre Jesus, para vos constituídes em alicerce da Era nova (...). Esta é hora de semear luz (2º CONGRESSO ESPÍRITA BRASILEIRO, 2007).

Emmanuel, no prefácio do livro de André Luiz “Missionários da Luz”, afirma:

Infinito campo de serviço aguarda a dedicação dos trabalhadores da verdade e do bem. Problemas gigantescos desafiam os Espíritos valorosos, encarnados na época presente, com a gloriosa missão de preparar a nova era, contribuindo na restauração da fé viva e na extensão do entendimento humano.

Respondendo a entrevista formulada por meio eletrônico referente à responsabilidade do médium, Nilo Calazans, integrante do Projeto Manoel Philomeno, assim se expressa:

Os desafios são os mesmos exigidos para todos os que assumiram o compromisso mediúnico em todas as épocas. O momento de transição veio despertar as consciências para as responsabilidades de todos nós, para estudarmos a doutrina espírita e para vivenciarmos o evangelho de Jesus. Então, a vigilância quanto aos aspectos morais deve ser redobrada, para que sirvamos de exemplo aos que se relacionarem conosco.

## CONCLUSÃO

O homem se eleva progressivamente da selva à civilização, através de períodos históricos que podem ser definidos como “horizontes”, ou seja, como universos próprios, nos quais os diferentes poderes da espécie vão sendo treinados em conjunto, até que o desenvolvimento da razão favoreça o processo de individualização. Primeiramente, o homem se destaca da natureza através do conjunto tribal; depois reafirma a sua independência através de conjuntos mais complexos das grandes civilizações orientadas. Nesses conjuntos, porém, o homem descobre a possibilidade de destacar-se individualmente da estrutura social. O espírito humano se afirma como individualidade, como entidade autônoma, capaz de superar não somente a natureza, mas a própria humanidade.

Ao atingir a individualização mediúnica, o profeta se põe em relação direta e pessoal com Deus. Dois indivíduos se defrontam: o humano e o divino. A individualização espiritual representa o momento de transcendência humana. O acordar em si mesmo das forças latentes, preparando-o para a maturidade espiritual.

O mediunismo profético se generaliza, porque “o espírito se derrama sobre toda a carne”, e a fé iluminada pela razão deixa o terreno primário da crença, para elevar-se da convicção, através do conhecimento direto da realidade espiritual, tão clara e positiva quanto a material.

São chegados os tempos de maioridade espiritual, quando todos são convocados ao trabalho, de natureza interna e externa.

Aos médiuns dignos e sinceros cabe a grande tarefa de preparar o advento da Era Nova, conforme aqueles que se tornaram instrumento das mensagens libertadoras que foram catalogadas por Allan Kardec, nos seus dias, elaborando a Codificação Espírita.

Dessa forma, convocados ao serviço, “*Muito se pedirá a quem muito recebeu*” (Lucas, 12:48). Cabe-nos, então, a tarefa de estender o bem onde possamos, o quanto possamos, sempre que possamos, pois o “*verdadeiro espírita não deixará jamais o bem por fazer; corações aflitos a aliviar, consolações a dar, desesperos a acalmar, reformas morais a operar,*” sintetiza Allan Kardec em O Livro dos Médiuns, item 30, Capítulo III.

Não se poderá tornar bom médium aquele que não conseguir despojar-se dos vícios que degradam a humanidade. Todo homem pode tornar-se médium; mas o domar as próprias inclinações constitui-se o maior desafio, na tarefa de autoaperfeiçoamento, no domínio das más inclinações. A Doutrina Espírita conclama o homem a aprofundar-se no próprio ser e encontrar os objetivos da vida. Dá-nos, portanto, as ferramentas. Temos que nos esforçar e usá-las.

Para tal cometimento, a luta a ser travada é a luta pela superação do desafio que ninguém vê, exceto aquele que está empenhado no combate em favor da autolibertação, impondo-se a necessidade de rigorosas disciplinas que possam proporcionar-lhe novas condutas saudáveis, capazes de facilitar-lhe a execução das tarefas espirituais sob a responsabilidade e comando dos mensageiros do Senhor.

Portanto, a melhor maneira de compartilhar conscientemente da grande transição é através da responsabilidade pessoal, realizando mudanças íntimas que se tornem próprias para a harmonia do conjunto. O indivíduo que se renova moralmente contribui de forma segura para as alterações que se vêm operando no planeta.

Todos são convidados a participar deste novo tempo semelhantemente ao festim de bodas, na lembrança oportuna do ensino evangélico. A senha de entrada é o esforço sincero da mudança interior, da renovação das atitudes, do autoenfrentamento de suas mazelas morais.

Despertando, assim, para os compromissos iluminativos da mediunidade com Jesus, surgirá na pauta dos seus deveres a regularidade e a constância de seus estudos, se almeja ser médium responsável. **O Livro dos Médiuns**, configurado na atualidade como o maior e mais lúcido tratado que norteia e aprofunda a experimentação das faculdades espirituais da criatura humana, exalta o devotamento e o desinteresse pessoal com o qual esse campo do Espiritismo deve ser pesquisado e vivenciado.

O Livro dos Médiuns deixa-nos um vasto espaço para a reflexão do que venha a ser a tarefa mediúnica aliada aos serviços de transformação na Terra, sobre a direção de Jesus, conforme a resposta dos Espíritos à 5ª pergunta do Capítulo XX, parte segunda, página 296: “Não creiais que a mediunidade seja dada somente para correção de uma ou duas pessoas, não. O objetivo é mais alto: trata-se da Humanidade”.

Por ocasião da celebração do seu Sesquicentenário de publicação, agradecemos aos Benfeitores da Humanidade, de quem Allan Kardec se fez emissário, pelas luzes que desceram do alto para nortear a Humanidade nos caminhos de sua evolução.

Ave Kardec! Que o Senhor te abençoe!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. 2ªed. São Paulo: Ed. Paulus, 2003.

DOYLE, Arthur Conan. *História do Espiritismo*. Trad. Julio Abreu Filho. 2. ed. São Paulo: Pensamento, 2004.

FRANCO, Divaldo P. Perante a mediunidade. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda. *Jornal Mundo Espírita*. Dezembro de 1997. Disponível em: <<http://www.espirito.org.br/portal/artigos/mundo-espirita/perante-a-mediunidade.html>> Acesso em: 11. Jun. .2011.

\_\_\_\_\_. *Advertência aos médiuns*. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda. Psicografia recebida na Mansão do Caminho no dia 16 de abril de 2009. In: *Reformador*, ano 127, n. 2.164, julho de 2009, p. 8(246)-10(248).

PIRES, Herculano Pires. *O Espírito e o Tempo*. Introdução antropológica ao Espiritismo. 5. ed. São Paulo. Edicel, 1987.

KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Edição Comemorativa do Sesquicentenário. Rio de Janeiro: FEB, 2007.

\_\_\_\_\_. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Tradução Guillon Ribeiro. 93. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1986.

\_\_\_\_\_. *O Livro dos Médiuns*. Tradução Guillon Ribeiro. 50. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1984.

\_\_\_\_\_. *A Gênese*. Tradução Guillon Ribeiro. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1982.

LACERDA FILHO. Licurgo Soares de. *A mediunidade na história humana*. Araguari - MG: Minas editora e distribuidora LTDA, 2005.

NEVES, J.et.al. *Projeto Manoel P. de Miranda*. Pelo Espírito Joanna de Angelis. 2.ed. Salvador, BA: Livr. Espírita Alvorada Editora, 1996. Vivência mediúnica, p.7

PALÁCIO, Almir. Ciclos Mediúnicos. *Correio Fraterno no ABC*. Março de 2001. Disponível em: <<http://www.espirito.org.br/portal/artigos/correio-fraterno/ciclos-mediunicos.html>>. Acesso em: 28. Jul..2011.

PEREIRA, Yvonne A. *À Luz do Consolador*. Rio de Janeiro. FEB, 1997.

XAVIER, Francisco, C. *Os Mensageiros*. Pelo Espírito André Luiz. 14. ed. FEB, 1982

\_\_\_\_\_, Os Missionários da Luz. Pelo Espírito André Luiz. 15. ed. FEB, 1982.  
Prefácio. (mensagem de Emmanuel), p.8